

O Passado através de um olhar da psicanálise (2)

Pedro Paulo V. A. Azevedo*

Deixei na última postagem uma série de questionamentos que fiquei de responder. Na verdade, seria mais *esclarecer* do que de *responder*. Trazer à luz da psicanálise o que se entende do *Passado*. Dar a conhecer algo através deste olhar psicanalítico. Há uma expressão popular que diz: “*Freud explica!*”. Ou seja, *Freud responde!*

Realmente Freud explicou muita coisa sobre a vida mental e cultural da humanidade, mas, ao meu juízo, seu maior legado foi a descoberta de um método, a psicanálise, que irá *implicar*, mais do que explicar, o sujeito com sua própria vida. Isto é, *envolver* o sujeito consigo mesmo, tornar possível a pessoa se *comprometer* com ela mesma.

O gênio ímpar de Freud vai revolucionar o que se entende sobre o fenômeno *memória* e também sobre o significado do *tempo*. Tempo, que para a psicanálise, diferente do entendimento da história, não é algo *linear*, um vetor ordenado e sucessivo de acontecimentos vivenciados. Uma espécie de vetor que possui um sentido de irreversibilidade em que o tempo simplesmente transcorre, formando a tríade sequencial de *passado*, *presente e futuro*.

Este espírito revolucionário irá modificar também nosso entendimento sobre a memória, que normalmente é pensado, de modo unívoco, como a faculdade mental de *conservar* e de *lembrar* estados passados de consciência e de tudo o que se acha associado aos mesmos. Capacidade mental que possui a função de codificar, recuperar e armazenar informações, ou ainda, de guardar experiências tais como sentimentos, ideias, falas e imagens sensoriais. Como uma espécie de *arquivo* ou de *entreposto* em que armazenamos dados e coisas que estão lá disponíveis para serem acessados e tomados quando necessitamos.

O entendimento da psicanálise sobre o tempo e a memória é de que ambos só podem ser melhor compreendidos nas suas pluralidades, pois a pesquisa psicanalítica demonstrou que há inúmeros registros de tempos (das

várias temporalidades). Registros temporais que operam de modo diverso nas diferentes *Instâncias psíquicas* (*Inconsciente, Pré-consciente, Consciente*). Do mesmo modo a memória não existe assim de modo tão evidente. A mesma é múltipla, intrincada e multifacetária. Portanto, pelo viés da ciência de Freud, não há um só tempo e memória, **há em cada ser memórias e tempos.**

Se há, por um lado este tempo histórico da instância **Consciente** – que transcorre deixando as marcas de sua inexorável passagem, em que se assiste o processo de envelhecimento, a finitude da vida e o porvir do novo. Tempo Cronológico onde impera a **sucessividade**, de um momento após o outro e que nos remete ao deus *Cronos*, figura mítica do tempo personalizado – há por outro lado, o Tempo do **Inconsciente** psicanalítico, **da sincronicidade** que vai desmontar a concepção falaciosa da *unidimensionalidade* do tempo, mensurável em duração.

Quando Freud afirmou que “*os processos do Sistema Inconsciente são intemporais*” gerou no próprio meio psicanalítico muitos mal-entendidos. A atemporalidade que Freud aponta do modo de funcionamento do inconsciente é de que os processos psíquicos inconscientes **não sofrem o desgaste do tempo e que o “desejo é indestrutível”**.

Tal afirmação permitiu distinguir, que há ao lado do *fenômeno da duração, outras dimensões do tempo* que precisam ser levadas em conta se quisermos portar uma lógica de compreensão que nos aproxime mais dos mistérios dos nossos passados.

O tempo do inconsciente é um *outro tempo*, tempo do *après-coup*, do “*só depois*”, da “*fusão dos tempos*”, tempo de ressignificações, de transcrições e das infindáveis reescritas que são feitas. E esta dimensão do tempo do inconsciente é fundamental para saber se a escritora britânica está correta ao afirmar que “**o passado é só uma história que contamos para nós mesmos**”.

*Pedro Paulo é psicanalista, titulado pela Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ), filiada à International Psychoanalytical Association (IPA).